

VIDA DE RICO SEM PATRIMÔNIO:
estratégias de finanças pessoais



VIDA DE RICO SEM PATRIMÔNIO: estratégias de finanças pessoais

RODRIGO ZEIDAN

Professor de Finanças e Economia-
Fundação Dom Cabral e
Nottingham University Business School China.



ALTA BOOKS
E D I T O R A
Rio de Janeiro, 2014

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO – POUPAR IMPORTA?.....	15
Dinheiro como meio, não fim.	17
Dicas de Finanças Pessoais	19
Poupar é um sacrifício	21
O leitor ideal	22
Como tomamos decisões erradas, um exemplo	25
 CAPÍTULO 1 -A VIDA FINANCEIRA IDEAL	 28
1 – Padrão de renda	31
Edgar e Isolda – o casal DINK.	37
 CAPÍTULO 2 – OS PERÍODOS FINANCEIROS.....	 38
1º Período-Porque fazer dívidas é bom	38
2º Período – O período de poupança	41
3º Período – Desinvestimento.....	44
 CAPÍTULO 3 – PATRIMÔNIO E FAMÍLIA	 46
Quando começar a poupar e a gastar?	48
Um breve adendo e um comentário de um dos maiores CEOs do século XXI	50
 CAPÍTULO 4 – POR QUE POUPAMOS? UMA BREVE ANÁLISE DA TEORIA DE FINANÇAS.	 53
 CAPÍTULO 5- EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS, FINANÇAS COMPORTAMENTAIS E POUPANÇA PRECAUCIONAL	 61



PREFÁCIO

Poupamos demais, poupamos de menos ou poupamos errado. A maioria dos brasileiros pode escolher uma das opções acima, mas, dificilmente, pode escolher a opção de estratégia mínima de poupança correta. Este livro discute muitos assuntos importantes sobre decisões de finanças pessoais, desde as comportamentais, até a teoria de renda permanente. Mas as lições finais são simples: devemos poupar o mínimo possível para atingir um objetivo de longo prazo, o que significa adiar o período de poupança, ou poupar menos que o recomendado pela maioria dos gurus financeiros; montar uma carteira que combine risco e retorno de forma eficiente (tendemos a nos focar em risco, mas não retorno); levar em conta efeitos cognitivos que nos desviam da racionalidade; e estabelecer estratégias condizentes com nossos objetivos de longo prazo.

Todos nós fomos traumatizados pelo período de 20 anos de quase instabilidade econômica, desemprego e baixo crescimento. No plano das finanças pessoais, isso significa que as decisões financeiras que tomamos hoje ainda são extremamente influenciadas por um modelo mental baseado na extrema incerteza com relação ao futuro. Ou seja, pelo medo. A maioria dos brasileiros simplesmente tem um grande medo de perder o emprego, a saúde, a poupança – afinal, estamos em um país no qual a poupança foi confiscada e o Brasil sempre foi a promessa de futuro. Aquele que nunca parecia que podia chegar. O resultado desse medo é que tomamos decisões financeiras baseadas em um modelo ultrapassado.

O Brasil é um país com estabilidade econômica crescente em relação ao resto do mundo. Um país quase normal. O modelo mental do passado afeta a todos, inclusive a empresários. Em uma reunião com um CEO (Chief Executive Officer, ou presidente) de uma média empresa, ele admitiu que o modelo mental dele estava preso no passado, e que para discutir o planejamento financeiro ele deveria primeiramente sentar num divã para se livrar desses traumas e poder tomar decisões de planejamento financeiro mais racionais, para si e para sua empresa. Este livro está escrito na segunda pessoa do plural, porque eu compartilho todos os traumas que afetaram os brasileiros. Também tenho meu planejamento financeiro pessoal e dificuldades em aplicá-lo de forma racional.

O brasileiro médio tem como principais características um alto grau de aversão ao risco, um demasiado amor a tijolo (a busca pela propriedade física e pelo patrimônio, em vez de fluxo de caixa), uma preguiça de se educar sobre produtos financeiros e uma desconfiança generalizada sobre qualquer ativo financeiro mais sofisticado – a caderneta de poupança é ainda o produto mais utilizado pela população brasileira. Diferentemente da maioria dos outros países, no Brasil, a correlação entre grau de educação em geral e o grau de educação financeira é baixa – mesmo mestres e doutores têm muita dificuldade em entender o funcionamento do sistema financeiro e em escolher estratégias de poupança que façam sentido, dadas suas perspectivas de renda.

Essa falta de educação financeira e as características acima são resultados da história recente do Brasil: crises sucessivas, câmbio valorizado e juros altos levaram a sociedade brasileira a uma situação de complacência em relação aos projetos de finanças pessoais. Enquanto em outros países é comum que famílias tenham carteiras diversificadas, com variedades de fundos, ações e propriedades, no Brasil ainda estamos presos no binômio imóveis/poupança, dois investimentos excelentes em épocas de crise profunda, mas que não necessariamente apresentam a melhor combinação risco/retorno no mundo moderno.

Aqui proponho um novo modelo mental para finanças pessoais no Brasil. Mas que modelo mental seria esse? O ponto de par-

tida é a construção de um modelo de finanças no qual as decisões seriam baseadas no futuro (e não no que foi feito no passado, como é comum no Brasil), em que os objetivos financeiros sejam enquadrados nos objetivos de vida (mesmo com muito dinheiro, de quê adianta uma fortuna se não se está preparado para isso?), e a adequação de cada planejamento ao seu perfil de risco (o que significa, em alguns casos, adiar o começo do período de poupança ou mesmo poupar quase nada).

Ou seja, a ideia é uma mudança de paradigma sobre finanças pessoais. No nosso novo modelo – que não é inovador, pois junta trabalhos de vários outros autores e tem como base a teoria de ciclo de vida de Franco Modigliani -economista que ganhou o prêmio Nobel -, vários conceitos são quebrados ao longo dos capítulos: dívida é bom, herança não deve ser a prioridade das finanças de longo prazo e talvez nem a aposentadoria; um indivíduo deve se endividar no começo da vida e somente poupar depois, e poupar é uma decisão cheia de armadilhas, o que significa que pode ser ideal adiar o período inicial de poupança para o momento certo.

Esse é um livro para todos os diferentes perfis de risco e todos os tipos de leitores, desde aqueles que querem ficar milionários até aqueles que gostariam de montar uma vida tranquila. Para todos os casos há estratégias mais ou menos adequadas. Mas, enquanto para decisões amorosas passamos anos sonhando com o parceiro ideal e fazendo escolhas muito bem pensadas, para determinar a pessoa com quem vamos casar é diferente. (ou manter relacionamentos).

No mundo das finanças, a maioria das pessoas tomam decisões importantíssimas (quando comprar a casa própria, o que fazer com a rescisão, onde investir meu dinheiro) com poucas informações, baseando-se no lado emocional ou delegando essas decisões a terceiros, desde gerentes de bancos a familiares e companheiros. Tomar as rédeas do planejamento financeiro pessoal é libertador, mas a liberdade tem seu preço, que é o da informação e da curiosidade intelectual. Não existem fórmulas de bolo, nem saídas prontas.

O Modelo Mental

Nosso modelo mental está ultrapassado. E a razão é simples: decisões financeiras corretas são tomadas baseadas em expectativas. Futuro. Mas esse é o problema: o Brasil nunca teve futuro. Como tomar decisões baseadas no futuro, se o Brasil não tinha futuro? Hiperinflação, desemprego, confisco de poupança, calote da dívida externa, mudanças de moeda entre outras características únicas da economia brasileira não permitiam qualquer tipo de planejamento de futuro. Não havia como se pensar em qualquer plano de longo prazo.

Na verdade, um prazo longo no Brasil não existia. Ainda hoje pensamos em salários ou taxas de juros como valores mensais. Quando alguém lhe pergunta qual o seu salário, a resposta é sempre dada no valor recebido por mês. Quanto você ganha? Cinco mil reais. Qual a taxa do empréstimo? 2% ao mês. Isso não existe em qualquer outro lugar do mundo. Salários são anuais, assim como taxas de juros. Quer comprar uma casa em Nova York? Vai pagar algo em torno de 5% ao ano, nunca ao mês. Quer negociar para trabalhar em Londres? Seu salário base vai ser 60 mil libras. ao ano.

Embora o processo hiperinflacionário tenha acabado há mais de 20 anos, não mudamos a forma de pensar em remuneração do trabalho ou no capital. Criamos salários e juros mensais, porque quando a inflação pode chegar a dois dígitos ao mês, não há como calcular um salário anual. Podíamos ganhar 50.000 cruzados em um mês e 5.600 cruzeiros reais seis meses depois. O mesmo para a taxa de juros. E esse efeito não só permanece até hoje, como também é sintoma de uma cultura na qual é muito difícil lidar com o futuro. O grau de aversão do brasileiro com relação ao risco é muito alto, mas não por fatores históricos, ou somente por uma herança portuguesa, mas sim pelo fato de que fomos traumatizados por um período de décadas de instabilidade econômica.

Deveríamos estar livres disso, afinal, o Brasil hoje é um país de classe média como qualquer outro no mundo. Protecionista, ineficiente, burocrático, elitista, racista e cheio de problemas. Mas estável, com uma inflação controlada, com o crescimento recalcitrante e com o desemprego que depende dos ciclos econômicos.

Ou seja, igual a muitos outros países. No passado, fazíamos gestão de emprego, não de carreira. Afinal, como pensar numa carreira quando não se sabia se a moeda seria a mesma em três meses? O Brasil mudou, mas as pessoas, não. Ainda tomamos decisões baseadas nos medos e na falta de informação do passado.

Queremos segurança a qualquer custo, ficamos com medo de perder o emprego, não sabemos o valor do dinheiro no tempo e nem como montar uma estratégia de longo prazo. As empresas não sabem fazer planejamento estratégico e os empresários pensam que o valor da empresa está nos seus ativos. O modelo mental moderno é bastante simples: o que importam são os fluxos, não os estoques. Mais ainda: expectativas são o que importa na tomada de decisão. O patrimônio é irrelevante se não gerar fluxos, seja para um indivíduo, ou para uma empresa; decisões passadas são apenas isso: decisões que foram tomadas no passado e, portanto, não devem influenciar decisões futuras. Quais são as características do modelo mental correto para tomada de decisões financeiras?

- O passado pouco importa – damos muito mais importância a eventos do passado do que deveríamos.
- Expectativas são fundamentais.
- Planejamento é possível.
- O futuro traz oportunidades e não somente riscos.
- Decisões financeiras devem ter objetivo.
- Renda, não patrimônio.
- Toda decisão envolve custos de oportunidade, que devem ser mensurados.
- Devemos levar em conta desvios comportamentais no processo de tomada de decisão.

Vamos começar com a ideia de que planejamento é possível. Embora pareça óbvio, a maioria dos brasileiros e das empresas brasileiras não sabe se planejar para o futuro. E por que isso? Porque o Brasil não tinha futuro. A maioria das empresas brasileiras começou a fazer planejamento estratégico em 2007-2008. Muitas ainda não o fazem. Mesmo as que fazem, usam como horizonte de tempo 2-3 anos, sendo que algumas chegam a 5 anos.

É muito difícil convencer um empresário de que ele deve se planejar para algo além de 2 anos, e o argumento para isso é bem simples: é praticamente impossível fazer com que um brasileiro tente enxergar as possibilidades de um horizonte maior do que 24 meses, afinal, há menos de uma geração nosso horizonte era de uma semana. Como resolver isso? Olhar o que fazem no mundo e tentar imaginar cenários para carreira, realizações pessoais, etc. A típica pergunta americana – “Quem você quer ser em 5 anos? E em 10 anos?” - normalmente não se aplicava no Brasil.

Porém, agora, sim, podemos nos planejar. Em 5 anos, alguém pode construir a base de uma sólida carreira, fazer um doutorado no exterior, passar por um processo de trainee, tudo isso sem a incerteza de que se não houver emprego no final do mês ainda assim é possível se planejar. Claro que isso ainda não vale para todos os brasileiros, já que ainda somos um país com extrema desigualdade de renda, porém, hoje, muitas famílias conseguem se planejar, mas não sabem como fazê-lo, já que não há histórico disso no país.

Isso vale para o fato de que o passado importa pouco como previsor do futuro no Brasil e em muitos lugares do mundo. Contudo, ainda damos muito mais importância aos efeitos passados do que às expectativas sobre o futuro. Um estudo recente, segundo a Economist, mostrou que os alemães ainda hoje têm mais medo da inflação do que de contrair câncer. E a hiperinflação alemã acabou na década de 1920! No Brasil, ainda falamos em confisco de poupança, hiperinflação e taxa *overnight*, como se fossem coisas que aconteceram há dias, ou que pudessem voltar a acontecer a qualquer momento. Ambos os fenômenos são completamente irracionais, e o medo completamente infundado.

O Brasil (assim como a Alemanha) é muito diferente do país que confiscou a poupança. Não só o Brasil, mas o mundo mudou, e é praticamente impossível voltarmos ao cenário da década de 1990. Mesmo que o cenário se deteriorasse, hoje, o fluxo de informações é muito mais rápido e poderíamos nos prevenir sem as mesmas dificuldades que enfrentávamos nas décadas de 1980 e 1990. No final das contas, temos que olhar para o futuro e traçar

estratégias que façam sentido para explorar melhor as oportunidades e minimizar os custos da poupança.

Hoje em dia temos centenas de opções diferentes para poupar e investir, desde títulos públicos a ETFs (Exchange-Traded Funds) e fundos em moeda estrangeira. Mensurar os custos de oportunidade é fundamental (veremos, por exemplo, que a quantia de dinheiro que deveria ser mantida na caderneta de poupança é zero, já que há oportunidades com maior retorno e menor risco). Além disso, o que importa é a renda dos ativos, e não o valor patrimonial.

Antigamente, podíamos ter apartamentos vazios, fazendas abandonadas e carteiras financeiras, que mantínhamos sem análise profunda. Hoje em dia, contudo, o nome do jogo é renda. E esse é o problema que muitas vezes passa despercebido – ainda nos focamos em ficar milionários, uma visão patrimonialista, quando o correto é ter alta renda. O próprio termo milionário ainda chama muita atenção, e é um termo associado a patrimônio.

Mas, viver bem significa ter renda perpétua, independente do valor patrimonial. Essa visão moderna, já bem incorporada nas empresas, que buscam lucratividade e rentabilidade, sem se preocupar com acúmulo patrimonial, também deve ser compreendida no âmbito das finanças pessoais. Afinal, qual o valor de um alto patrimônio se não pudermos usufruir do mesmo? Esta é a nova definição de riqueza: renda permanente. Na visão antiga, riqueza é igual a patrimônio. Na visão moderna, o que importa é um fluxo de caixa alto e permanente.

INTRODUÇÃO – POUPAR IMPORTA?

Segurança e tranquilidade são as principais razões pelas quais pensamos em planejar o futuro. Uma boa renda, casa própria, falta de preocupações financeiras e uma velhice tranquila são os grandes sonhos que acalentam os dias longos de trabalho e as noites mal dormidas, pensando em contas e diversas obrigações financeiras. Todos nós temos medo do futuro e, por isso, agimos para nos proteger contra o imponderado. Isso significa que tomamos várias decisões para tornar nossa vida mais fácil no futuro, tais como fazer uma boa faculdade, procurar um bom emprego e poupar para a velhice.

Essa visão simples do mundo, embora senso comum, esconde uma série de armadilhas, especialmente em relação à poupança. Temos a ideia inata de que poupar é importante, mas nos falta várias informações para que as estratégias de poupança sejam eficientes: quando começar a poupar? Quanto deve ser poupado e por quanto tempo? Quando devemos começar o processo de despoupança, isto é, quando começar a gastar o que poupamos? Quais os investimentos ideais?

Poupar é muito mais complicado do que se parece, e isso se reflete na imensa dificuldade que temos em lidar com essa importante etapa da nossa vida financeira. Isso se torna mais importante porque a transição de uma economia com hiperinflação para uma estabilidade, que recentemente atingiu a maioria, trouxe uma mudança importante no perfil das finanças familiares: hoje, no Brasil, é possível fazer um planejamento que envolva poupança de longo prazo, algo impensável quando o país apresentava taxas de inflação mensais de mais de 20%.

Hoje temos à nossa disposição toda uma gama de possibilidades de investimentos: PGBLs, VGBLs, Fundos de Renda Fixa, de Ações, CRIs, CDBs, imóveis, poupança, e tantos outros tipos de opções que tornam a escolha de um portfólio de investimentos algo complexo, mas que, ao mesmo tempo, dá diversas opções a quem quiser se proteger para o futuro. Ainda assim, o brasileiro médio é conhecido por poupar pouco e consumir muito, o que é visto inerentemente como algo ruim para o país. Reportagens como: “Por que o brasileiro não poupa para o futuro?” (Época, 06/01/2012) e “Brasil precisa poupar, mas poucos estão dispostos a isso” (Veja, 18/07/2010) são comuns na imprensa, e passam a imagem de que poupar é bom, enquanto o consumo exacerbado é ruim para a economia e os próprios brasileiros.

Existe uma ansiedade grande para muitos brasileiros na relação entre o nível de poupança e o futuro, especialmente porque muitos acham que estão poupando pouco e comprometendo seu futuro. Diversas fórmulas prometem riquezas para aqueles que poupam muito e/ou por um longo tempo. Muitos ensinam várias dicas de finanças que são extremamente importantes para um público que tem pouca familiaridade com o tema, porém, a maioria parte do pressuposto de que devemos nos comportar como se o Brasil ainda estivesse preso na incerteza do passado – e como se as pessoas estivessem presas com o resto do país, num modelo mental ultrapassado.

Nesse livro vamos mais fundo e perguntamos, primeiramente, se poupar realmente é necessário. Será que poupar importa? Poupar é um sacrifício que é pouco explorado pelos milhões de artigos que mostram como poupar é importante. Além disso, também devemos analisar o período de “despoupança” – como fazemos para gastar o que acumulamos? A maioria dos livros para no período de acumulação – o que fazer uma vez que se está rico? Quais produtos financeiros são adequados para quais investidores? Essa é uma pergunta fundamental que vai definir o perfil de poupança – pessoas que aceitam mais risco não somente devem investir em produtos mais arriscados, mas também devem poupar menos.

Várias ideias arraigadas na psicologia do brasileiro têm custos ocultos, que são pouco explorados nas explicações normais sobre comportamento financeiro: a aquisição da sonhada casa própria pode, por exemplo, tornar a mobilidade profissional mais difícil, por criar resistência a uma mudança de cidade ou de país; perdas em investimentos resultam em estratégias, normalmente erradas, de esperar que haja recuperação das perdas; poupar demais significa um desperdício de consumo presente, pois poupar é um sacrifício; fazer dívidas no começo do ciclo de vida financeiro pode ser muito bom e, portanto, muitas vezes deve-se adiar o começo da poupança, etc.

Aqui pretendemos explorar o mundo das finanças pessoais de forma racional e direta, apresentando opções para diferentes tipos de perfis de indivíduos. Para responder as perguntas fundamentais de finanças pessoais, e chegarmos a um padrão de poupança ideal para cada tipo de indivíduo, precisamos de um pano de fundo de teoria de finanças, que tentamos mostrar de forma simples e direta. Assim, poderemos chegar ao nível de poupança ideal e os prazos para se começar a poupar e gastar o que se poupou ao longo de uma vida. As respostas para todas essas perguntas dependem de diversas variáveis e o próprio conceito de poupança muita vezes é mal compreendido: as pessoas inerentemente consideram poupar uma coisa boa, mas esquecem que poupar também é um sacrifício.

Dinheiro como meio, não fim.

O amor ao dinheiro, além de meio para aproveitar a vida, é uma dessas propensões semicriminosas, semipatológicas, que deveriam ser displicentemente relegadas aos especialistas em doenças mentais. (John M. Keynes).

Keynes é dos maiores economistas da história, e nessa frase estava tão certo quanto em incontáveis outras. A tese principal deste livro tem como base o fato de que o dinheiro -e, portanto, a poupança -é um meio para aproveitar a vida. Em um mundo ideal, ninguém deveria se preocupar com dinheiro, e todos estariam

livres para perseguir suas ideias, desvinculados da relação com o capital. Mas a realidade é que vivemos em um sistema capitalista no qual a tranquilidade material está relacionada à capacidade de geração de renda e de acúmulo de capital ao longo da vida.

Por isso, dentro da nossa realidade, a estratégia financeira ideal da qual partimos é aquela na qual passamos o menor tempo possível gerenciando nossos recursos, para que sempre possamos ter o suficiente para aproveitarmos a vida. O que importa é o valor de uso do dinheiro, e não sua acumulação pura e simples. Bertrand Russel acreditava que seria possível que o homem do futuro pudesse aproveitar a vida – o avanço tecnológico nos levaria a trabalhar somente quatro horas por dia, com tempo suficiente para os verdadeiros objetivos da vida: pintura, lazer, literatura e poesia. Keynes não era muito diferente.

No seu ensaio sobre as possibilidades econômicas para nossos netos (*Economic Possibilities for Our Grandchildren*, 1930), ele tinha uma tese simples: com o aumento da produtividade derivada do progresso tecnológico, as pessoas poderiam trabalhar cada vez menos para satisfazer suas necessidades, até o dia em que poderíamos trabalhar quase nada. Keynes, então, escreveu que a humanidade teria um grande problema, que seria como usar essa liberdade em vez de ocupar nosso tempo com trabalho. Ele achava que alcançaríamos isso em cem anos, ou seja, em 2030.

Embora não vivamos em um mundo com pessoas produtivas e trabalhando cada vez menos, na verdade, Keynes não estava tão errado assim. A diferença de produtividade entre os indivíduos faz com que aqueles mais produtivos escolham trabalhar menos e aproveitar mais a vida. A não ser os workaholics, é claro. Ainda assim, a ideia de Keynes consistia que o importante era viver uma vida sábia, bem vivida, e sem ser escravo do dinheiro.

O acúmulo de capital como fim não é uma atitude racional, de acordo com as premissas desse livro, que não se destina a pessoas que querem ficar ricas a todo custo, mas sim àquelas que desejam aproveitar a vida de maneira que possam sempre manter um bom padrão de vida, dados seus ganhos presentes e suas perspectivas futuras de renda, com uma importante observação: como poupar é

um sacrifício, a estratégia ideal é aquela que minimiza a poupança para atingir o grande objetivo de aproveitar a vida.

O resultado final é que o patrimônio familiar deve servir à família, e sua curva é crescente durante um período, mas decrescente à medida em que é utilizado para aumentar os gastos no período final da vida. A cultura patrimonial brasileira é a de acúmulo perpétuo de patrimônio, que vai ser deixado a filhos e netos que, por sua vez, deveriam acumular ainda mais patrimônio. Apesar dessa ser uma estratégia interessante, somente funciona se, ao mesmo tempo, isso não impacta no padrão de vida presente e futuro da família.

Muitas vezes esse acúmulo de patrimônio é feito às custas de um sacrifício exacerbado de alguns membros da família, e é bem normal o exemplo do sacrifício de uma geração em favor das outras. Aqui, partiremos do princípio de que todas as gerações devem ser capazes de aproveitar a vida de acordo com seu planejamento financeiro de gastos e renda perpétua, e que, embora possa existir, o patrimônio intergeracional não deve ser a prioridade familiar.

Assim, esse livro é ideal para aqueles que estão em um dos seguintes casos:

- Querem trabalhar para viver e não viver para trabalhar;
- Querem ficar ricos, mas estão dispostos aos sacrifícios necessários;
- Têm um patrimônio familiar e querem saber como maximizar seu uso;
- Querem entender como fazer contas de custos e benefícios em relação às decisões sobre finanças;
- Querem tomar decisões financeiras racionais e independentes das pressões sociais.

Dicas de Finanças Pessoais

O mundo das finanças é opaco, com várias fórmulas matemáticas, e é recheado de termos técnicos. Além disso, o mercado de

capitais brasileiro se desenvolveu bastante nos últimos vinte anos, desde que saímos do período inflacionário. Além disso, lidamos com diversos componentes psicológicos e modelos mentais que mudam mais lentamente que o desenvolvimento do mercado financeiro.

Tudo isso resulta numa grande insegurança na forma como as pessoas lidam com dinheiro. Mais ainda, poucos assuntos geram mais discussão ou juízos de valor ao comportamento alheio que os padrões de gastos e poupança das famílias, afinal, expressões como “mão-de-vaca”, “unha de fome”, “consumidor compulsivo”, “irresponsável com dinheiro” e outras mais fazem parte do nosso dia a dia, e de como vemos a forma com que outras pessoas lidam com finanças pessoais. Aqui tentamos criar regras de decisão baseadas em um modelo mental, que é inspirado em como deve ser a sociedade mundial no futuro, e não nos traumas do passado.

Ou seja, uma forma de pensar que peso, custos e benefícios de cada decisão financeira, de forma que possamos fazer escolhas baseadas em caminhos nos quais pesamos de forma racional as relações risco e retorno, entre os diferentes cursos de ação e seus impactos sobre o nosso futuro. Assim, as “dicas” abaixo, saídas do senso comum, podem até estar corretas em situações especiais, mas não podem ser usadas como regras de bolso por todos os tipos de pessoas, já que cada uma apresenta diversos custos ocultos, que podem se tornar um grande sacrifício, seguidas ao pé da letra.

- Poupe pelo menos 10% da sua renda (alguns especialistas chegam a 30%).
- Quanto mais cedo se começa a poupar, melhor.
- Faça sempre um orçamento, e controle todas as despesas.
- Tenha uma vida simples.
- Nunca faça dívidas.
- Quem casa, quer casa.
- Acumule patrimônio.

Na verdade, quaisquer dessas dicas podem funcionar **no momento certo e para determinado tipo de pessoa**, mas, com certeza, não podem ser alardeadas como as melhores estratégias para todos os perfis de investidores. É sempre importante desafiar o senso comum, mesmo se for para concluir que, no final das contas, ele pode estar certo.

Poupar é um sacrifício

A primeira regra que um economista aprende é que a resposta para qualquer pergunta, seja ela “a taxa de juros deve subir?” ou “O PIB vai crescer acima de 3% esse ano?” é sempre: depende! Praticamente qualquer evento em Economia, seja a redução de uma tarifa de importação, um aumento de impostos, uma decisão de consumo ou mesmo uma política de aumento salarial para professores, apresenta um lado positivo e um lado negativo, dependendo do grupo afetado pelo evento a ser analisado. A poupança funciona exatamente da mesma forma, trazendo benefícios e custos ao poupador, embora seja normal a atitude de desconsiderar qualquer efeito negativo no ato de poupar.

Poupar é um sacrifício do indivíduo presente em relação ao seu futuro, e significa que se consome menos hoje para que a sua versão futura possa comprar mais. A justificativa para isso é o risco – é sempre bom ter onde cair morto! -, mas isso não muda o fato de que poupar requer um menor consumo presente, um menor padrão de vida atual e, portanto, é um sacrifício. Na cultura brasileira, as pessoas internalizaram esse fato de tal forma que, muitas vezes, para poder poupar, os brasileiros adquirem produtos financeiros que funcionam como contas mensais, ou seja, devem ser pagos como uma prestação de um carro ou de casa -de preferência, que o dinheiro seja retirado mensal e automaticamente da conta corrente, num valor pré-determinado.

Nesse caso, a única forma de poupar seria “esquecer que esse dinheiro existe”, transferindo a responsabilidade do planejamento financeiro para o gerente do banco. Ou seja, poupar é um sacrifício tão grande, que muitas pessoas só conseguem fazê-lo

de forma forçada. É muito comum a frase “a única maneira de poupar é se eu nem vir a cor do dinheiro!”. O que os olhos não veem o coração não sente e, portanto, muitas pessoas recorrem ao gerente do banco para fazer um aporte mensal programado num fundo, uma previdência privada com depósito definido ou, ainda, o ovo de ouro no quesito da poupança mensal forçada: o sonho da casa própria.

Poucas coisas deixam os brasileiros tão felizes quanto pagar a prestação mensal da tão sonhada casa própria. Existe uma dicotomia muito forte em relação ao ato de poupar: embora a maioria das pessoas reconheça internamente que poupar é um sacrifício, há também uma forte sensação de que poupar é um ato nobre, que traz segurança e demonstra um ato de responsabilidade. Enquanto há muitos livros, reportagens, blogs e outras formas de expressão sobre como é importante poupar e como um centavo poupado é um centavo ganho, poucos exploram a relação custo/benefício do ato de poupar e das consequências de se acumular dinheiro com prazo indefinido.

Milhares são as dicas de como começar a poupar e como se esforçar para ter uma poupança planejada e constante, mas, poucos são os que se referem ao sacrifício que poupar representa ou, mais ainda, sobre o que deve ser feito com os recursos acumulados, quando na época de se desfazer deles. E, racionalmente, o modelo ideal é aquele no qual, ao morrermos, não temos nenhum patrimônio (a não ser, talvez, alguma herança para que nossos descendentes tomem decisões racionais sobre finanças quando for a vez deles).

O leitor ideal

Para quem esse livro está sendo escrito? Primeiramente, como já observamos, é um livro para aqueles que consideram o dinheiro como um meio, e não um fim em si, para aqueles que trabalham para viver, e não que vivem para trabalhar. Mais importante: é um livro para os que são confiantes nas suas habilidades profissionais, pois num cenário de estabilidade macroeconômica é possí-

vel planejar a carreira e, inclusive, decidir sobre quanto se pretende ganhar no futuro. É um livro para pessoas que acreditam que podem fazer o futuro, e não que o mesmo é cheio de incertezas e eventos ruins.

Num país com a história recente do Brasil – há uma geração atrás declarávamos moratória da dívida externa, confiscávamos poupança e tínhamos um processo de quase hiperinflação –, a ideia de planejamento de carreira de longo prazo parece um ideal inatingível. Contudo, nos últimos 10 anos, um Brasil no qual a estabilidade é a norma e podemos, finalmente, tomar decisões sobre o futuro sem o nível de incerteza que impossibilitava escolhas que envolviam qualquer prazo.

Hoje, podemos fazer todo tipo de escolha de carreiras e temos alguma previsibilidade sobre renda futura, nível de escolaridade e grau de esforço. Podemos escolher ser professores primários em escolas públicas e ensinar as novas gerações, e sabemos que, nesse caso, nossa renda futura não será muito alta; ou então, podemos traçar uma carreira executiva a nível internacional, na qual trabalharemos muitas horas e teremos que nos manter atualizados, porém, com um retorno financeiro mais alto.

Vivemos numa época na qual existe uma certeza maior sobre a relação entre capacidade individual, formação e perspectivas de carreira. É claro que essa relação ainda pode ser quebrada por questões externas, como um mercado de trabalho fraco, mas, comparando-se ao passado, quando era impossível entender as perspectivas do mercado de trabalho no médio prazo, é possível mapear uma carreira na qual se otimiza a qualificação e as vontades do indivíduo.

Esse livro é escrito para as pessoas que querem se planejar financeiramente, mas não possuem todos os conhecimentos necessários para isso, porém, mais que isso, têm curiosidade intelectual para tomar decisões bem fundamentadas, e não baseadas somente na insegurança, o que era muito comum no passado. Aqui temos a premissa de que podemos planejar, razoavelmente, nosso padrão de renda e de gastos ao longo da vida, e que temos como grande objetivo aproveitá-la.

A maioria dos livros de finanças pessoais tem como premissa básica a busca pela segurança e o adiamento da decisão de aproveitar a vida, com a ideia de que é mais importante a riqueza futura que a presente. Aqui, a ideia é mostrar opções para que possamos aproveitar a vida sempre, mesmo que isso signifique um pouco mais de risco e menor segurança futura. Isso não quer dizer que não se possa tomar decisões que busquem primordialmente a segurança, mas sim que essa decisão tem que ser racional, pesando-se os custos e benefícios de cada opção de poupança, que vamos descrever. No meio do caminho vamos analisar as principais decisões que tomamos em relação à poupança, desde a compra da casa própria, até a relação com o endividamento.

Este não é um livro para empreendedores muito ambiciosos. E por que não? O livro parte de duas premissas: a de que é possível planejar a renda e o padrão de gastos futuros, e que o importante é aproveitar a vida. Uma das primeiras perguntas que faço em uma sala de aula é: quem quer ficar rico? Normalmente, 80 a 90% dos participantes levantam a mão, seja a aula numa empresa privada, numa faculdade ou numa instituição pública. A ideia de ficar rico é bastante sedutora, mas, então, pergunto: quem sabe ficar rico? Poucos sabem a resposta, que não é tão difícil assim: para ficar rico de verdade e ter dinheiro suficiente para todas as maiores excentricidades da vida basta correr riscos, que é a alma do empreendedorismo.

Um novo empresário coloca tudo que tem numa nova empresa, todo seu tempo e energia e, na maioria das vezes, todas as suas economias. O resultado é que ele/ela assume os riscos de perder tudo, mas, também, o bônus de conseguir ficar rico, se der tudo certo. Como assumir esse tipo de riscos não é para qualquer um, pois, naturalmente, somos avessos a riscos, quando pergunto de novo quem ainda quer ficar rico, sobram normalmente um ou dois participantes, aqueles que realmente estão dispostos a arriscar tudo pelo sucesso.

Realmente, se o objetivo é ficar rico e obter todos os benefícios do sucesso empresarial, o ideal de planejamento financeiro não é o apresentado neste livro. Para muitos empreendedores (mas não todos), o sucesso é o fim em si próprio, o que, embora

compreensível, vai de encontro com uma das premissas principais dessa obra: a de que o dinheiro deve servir ao propósito de aproveitar a vida, e não o contrário. Recordo-me de uma palestra muito interessante de André Esteves, um dos sócios do BTG Pactual, que, num congresso, explicou que não era muito bom em gastar dinheiro, mas sim em fazê-lo.

Como um dos mais inteligentes banqueiros brasileiros, ele com certeza tem um dos melhores “tinos” comerciais do país e uma fortuna que o permite tomar qualquer atitude financeira que desejar. O fato de que continua gerenciando sua empresa mostra seu orgulho pelo que faz e no valor que gera para si próprio, seus acionistas e a sociedade e, ainda, o quanto o sucesso é importante para ele,

Uma das melhores características da sociedade moderna é poder conviver com a diferença de opiniões. Esse livro não é adequado para todos os perfis de indivíduos, e nem se pretende a tanto. O objetivo é apresentar opções racionais para que as pessoas possam tomar decisões financeiras, estando bem informadas dos riscos e oportunidades, relacionados aos produtos financeiros e suas opções de poupança de longo prazo.

Como tomamos decisões erradas, um exemplo

A estratégia do preço médio

Uma propalada estratégia no mercado de ações é a estratégia do preço médio. À primeira vista, parece fazer bastante sentido: se eu comprar uma ação e ela cair, ao comprar uma quantidade maior, isso significa que estou diminuindo o preço médio de compra. Assim, o preço precisa se recuperar menos para que eu tenha lucro.

Um simples exemplo: um investidor comprou 1.000 ações de uma empresa de petróleo por 10R\$, gastando 10.000 R\$. Dois meses depois, as ações caíram para 5,00 R\$. Ao comprar mais 1.000 ações a 5,00R\$, gastando mais cinco mil reais, o investidor diminui seu preço médio para 7,50R\$. No total, ele gastou 15.000R\$ por 2.000 ações da empresa, ao preço médio de 7,50R\$. Assim,

a ação deve subir somente 50%, passando de 5 R\$ para 7,5R\$, para que ele recupere seu dinheiro. Se ele não tivesse comprado as 1.000 ações adicionais, o preço da ação teria que subir 100%, de 5R\$ para 10R\$, para que ele/ela ficasse no zero a zero. Parece fazer todo sentido, certo? Errado!

Se o preço da ação caiu de R\$10 para 5R\$ é porque o mercado agora acredita que a empresa vale a metade do que valia quando o preço era de 10R\$. Isso significa que não há nenhuma garantia de que o preço vai voltar a 7,5R\$ ou a 10R\$. A estratégia de preço médio não é racional, é baseada numa esperança de que o preço da ação volte ao seu patamar do passado. Mais uma vez, é uma decisão baseada num erro do passado – comprou-se uma ação sobrevalorizada, e, se o preço era de 10R\$, em algum momento ele deve voltar a ser 10R\$ no futuro, certo? Infelizmente, não é assim que o mercado de capitais funciona. Não há nenhuma garantia de que o preço vá voltar a ser 7,50R\$, 10R\$ ou qualquer outro valor.

Decisões passadas não importam mais. Fez um mal negócio no passado? Paciência. Tentar consertar isso aumentando suas apostas numa decisão econômica errada, significa aumentar o erro exponencialmente. A pior coisa que se pode fazer é jogar dinheiro novo em dinheiro podre. É muito difícil abandonar um investimento mal feito, mas a decisão correta, no mundo financeiro, é tomar a melhor decisão presente, olhando as possibilidades futuras.

Qual seria a decisão correta nesse caso, então? Analisar a possibilidade da ação em voltar ao preço de 10R\$. Vamos imaginar que essa possibilidade fosse pequena. Nesse caso, o investidor deveria vender suas ações ao preço de 5R\$ e apostar numa outra ação que tivesse uma possibilidade maior de ganho. Se o investidor quer recuperar seu prejuízo, tem que encarar sua decisão como se fosse independente do erro passado. Antes, ele tinha 10.000R\$ para investir, e agora tem 5.000R\$. Colocar mais dinheiro não vai tornar sua decisão mais acertada, mas tomar a decisão correta é o que importa, independentemente da quantia. Ou seja, não importa quanto se vá investir, mas sim se a decisão é correta. Nesse caso, após uma perda significativa, a decisão ideal

é reavaliar a carteira para ver se há possibilidades de investimentos alternativos, que possam gerar maior retorno.

Sabe aquela ideia de que só é prejuízo quando ele é realizado? Esqueça! O mercado financeiro trabalha, sabiamente, com algo chamado marcação a mercado. O valor de uma carteira de investimentos é reavaliada diariamente para saber quanto ela vale naquele dia e por quanto ela pode ser liquidada. No momento em que o preço de uma ação na sua carteira cai, você teve prejuízo. Essa é a vida. É a mesma coisa quando o preço de uma ação aumenta. Não importa se o lucro foi realizado, ele está lá.